

# TOP! TOP!



28



# TOP! TOP!

Nº 28 - Dezembro de 2022 - ISSN 2177-1391



## Sumário

- Capa. Ilustração de Marcatti
- 2. Cartum. Sergio Más
- 3. Edito. HM
- 4. Frauzio. Marcatti
- 5. Em cada livro, a mão e o carinho do autor  
Entrevista com Marcatti, por HM
- 15. Pequenos vícios. Marcatti
- 16. Preparação das capas. Marcatti
- 19. Maria. Henrique Magalhães
- 23. Chamada Geral



Editor: Henrique Magalhães.  
Rua João Bosco dos Santos, 50/903A.  
Parahyba (João Pessoa), PB. 58046-033.  
[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com), [marcadefantasia@gmail.com](mailto:marcadefantasia@gmail.com)

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes Mídias Digitais do Departamento de Mídias Digitais da UFPB.

Colaboração: Marcatti, Rachel Sutton-Spence, Sergio Más, Worney Almeida de Souza.

Os textos não assinados são de autoria do editor. As colaborações em textos, ilustrações e quadrinhos são propriedade e responsabilidade dos autores.

## Edito

**E**u poderia começar a edição dizendo que fanzine é mesmo assim, sem periodicidade (quase todos), que às vezes tem longas paradas e volta como um lázaro ressuscitado, com mais energia e vida, pois que fanzine é um vício não impregnante, mas preñhe de prazer.

Acho que tudo isso já disse na edição anterior, que levou seis anos para sair, como esta agora, que brota seis anos desde a anterior. Estamos estabelecendo uma periodicidade aí? Tomara que não, pois há muito o que dizer e mostrar desse universo tão surpreendente dos quadrinhos.

Esta edição é dedicada a Marcatti, o mais explosivo em criatividade e subversão do underground tupiniquim. Além de velho conhecido, amigo desde o tempo aventuroso dos fanzines da década de 1980, tive a graça de revê-lo em um evento em São Paulo há um bocado de tempo, que me serviu de pretexto para mais uma investigação sobre sua obra, seu processo criativo, seu jeito de lidar com o meio e se manter firme em propósitos e desejos. Voilà!

HM, dez. 2022



Henrique Magalhães e Marcatti no Ugra Zine Fest. Centro Cultural São Paulo, 2014

FRANCISCO MARCATTI APRESENTA

# Frauzio

DESDE JULHO DE 2001, QUANDO FOI PUBLICADO PELA PRIMEIRA VEZ, FRAUZIO REVELOU-SE UM ONANISTA INSACIÁVEL E UM VAGABUNDO INÚTIL DA PIOR ESPÉCIE, MAS, SEM DÚVIDA, UM CARISMÁTICO BOSTA N'ÁGUA!

## VÓ

SEU NOME É UM MISTÉRIO, MAS A VELHINHA TEM ENERGIA DE SOBRA PARA LIMPAR AS CAGADAS DO NETO.

## ANTENOR

AMIGO DE INFÂNCIA DE FRAUZIO, SOFRE DE UM RESFRIADO CRÔNICO HA MAIS DE UMA DÉCADA.

TEM BURACO EU TÔ METENDO!

## NESTOR

UMA TARTARUGA COM APETITE VORAZ E ESTÔMAGO DE AÇO.

## SOLIFRELSON

INGUILINO E AMANTE DA VÓ DO FRAUZIO, É DONO DO BAR LOCALIZADO NO TÉRREO DO PRÉDIO ONDE OS TRÊS MORAM.

...CÁGADO!...  
EU SOU UM  
CÁGADO!

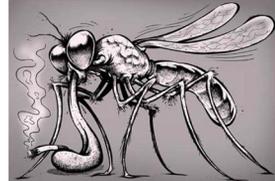
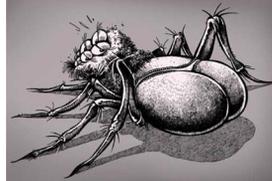
# Em cada livro, a mão e o carinho do autor

Entrevista com Marcatti, por Henrique Magalhães



Marcatti imprime e assina cada exemplar que edita.  
Foto: reprodução

**E**m 2013 e 2014 estive em um dos eventos icônicos das publicações independentes em São Paulo. Sob o comando dos incansáveis Douglas e Daniela Utescher, realizava-se no Centro Cultural São Paulo o Ugra Zine Fest, encontro de cultura alternativa ligada à produção impressa e outras expressões artísticas. Em dois dias circularam pelos corredores, salas de exposição e auditório do centro uma boa



Pôsteres da série “Mascotes”, por Marcatti, 2015

porção de produtores do que de melhor se fazia nas artes gráficas naquele momento, com representantes de todo o país, seja expondo seus livros, cartões, camisas, fanzines e revistas em quadrinhos, seja participando de palestras e debates sobre os aspectos fundamentais da produção independente.

Há muito distante de São Paulo - onde morei em meados da década de 1980 - aproveitei para rever velhos amigos e conhecer pessoalmente novos, com quem tinha contato tão intenso por meio dos fanzines. Agora na condição de editor, palestrante e expositor, troquei experiências impagáveis com Anita Costa Prado, Fernanda Meireles, Julie Albuquerque, Renato Donisete, Edgard Guimarães, Gazy Andraus, Gualberto Costa, Worney Almeida de Souza, José Nogueira - com quem tive o prazer de almoçar no boteco ao lado. Conheci o emblemático Márcio Sno bem como Ana Baságli e Law Tissot, até então amigos de estreitos laços missivistas.

E reencontrei Marcatti, amigo dos tempos em que frequentava as reuniões da AQC-ESP (Associação dos Quadrinistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo), lá pelos idos 1980 nas ruas vertiginosas do “centrão” de São Paulo. Àquela altura já me interessara pelo trabalho “marginal” de Marcatti, a quem entrevistei para uma edição do fanzine Marca de Fantasia. Não poderia, portanto, perder a oportunidade de uma atualização da velha amizade por meio de nova entrevista, um papo bem camarada que repasso a seguir.

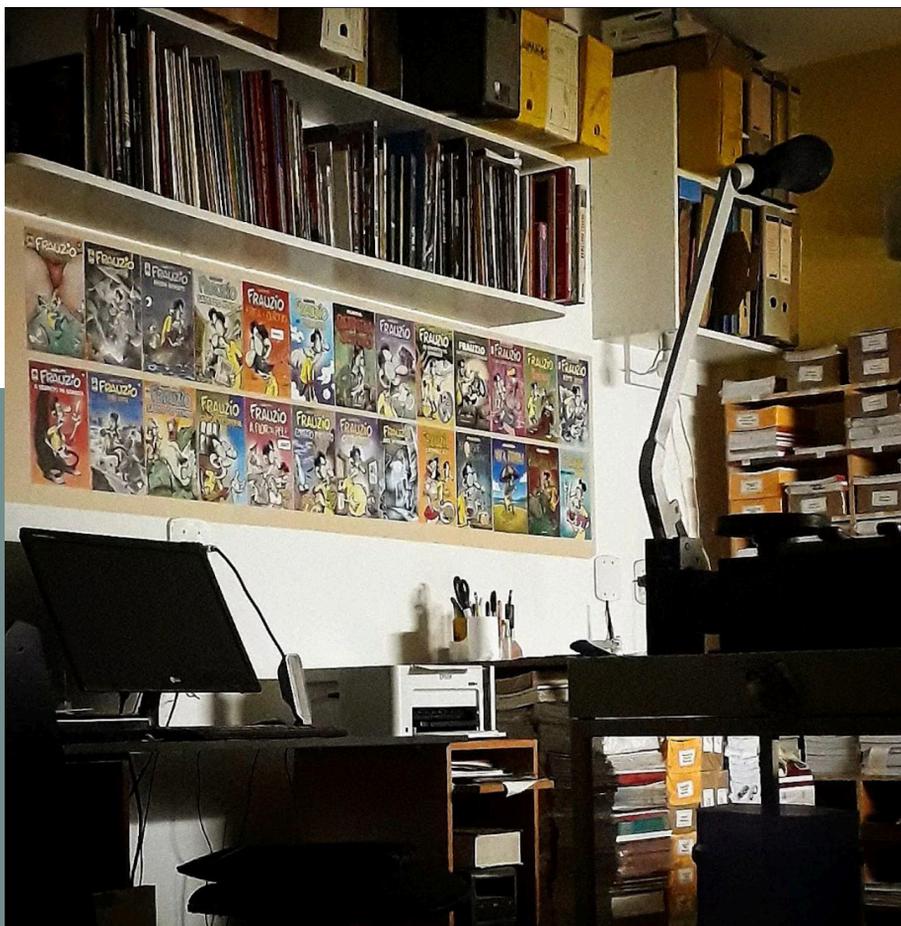
Henrique Magalhães, São Paulo, 21/09/2014.

HM - Marcatti, há décadas você produz de forma praticamente artesanal, você é o dono dos meios de produção. Foi uma opção ou condição?

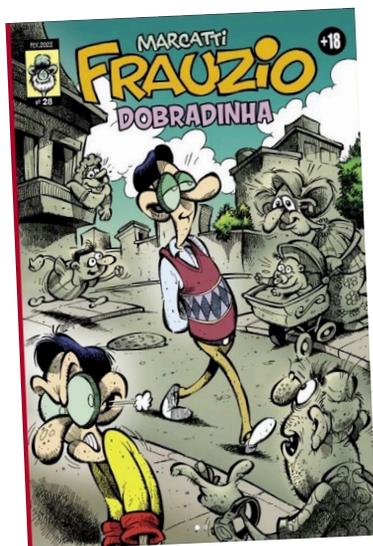
Marcatti - Hoje é uma opção. Era uma condição que se transformou em opção. Quando eu comecei a editar, lá pela década de 1970, era uma condição. Você sabe bem como eram as editoras ou as formas de fazer quadinhos. A produção independente era

muito, muito restrita, então a forma de fazer era independente mesmo. E esse veio de meu trabalho escatológico, pesado, torna mais difícil o acesso ao mercado. Meu trabalho é um pouco indigesto - um pouco não! (risos) - ele é bem indigesto para as editoras, ainda assim trabalhei com algumas, como a Conrad. As vendas foram pífias para a editora, mas para mim foram números interessantes; o

Estúdio onde Marcatti produz sua obra. Reprodução



que vendeu na editora era ótimo para uma publicação independente, então por que não voltar a ser independente? Voltei a ter uma máquina offset e do final dos anos 1980 pra cá, de fato editar minhas publicações se tornou uma opção.



Frauzio saiu primeiramente pela editora Escala, com distribuição em bancas

HM - Essa opção implica na questão conceitual, do teor do trabalho. Tem a ver também com a manufatura? Você gosta de fazer revista?

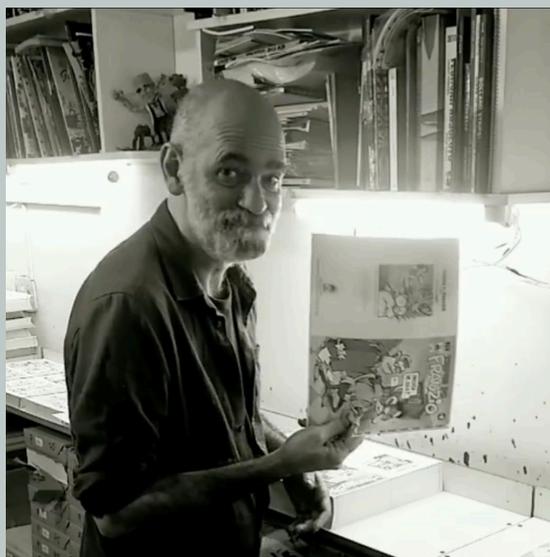
Marcatti - Muito! Não sei o que eu gosto mais, se de desenhar ou de imprimir. A minha máquina fica do lado de minha mesa de desenho. Todo dia de manhã, quando abro a porta, a primeira coisa que eu sinto é o cheiro de tinta offset. Isso é uma adrenalina,

vem o perfume da tinta, o perfume do papel, dá vontade de fazer mais para encher o papel de tinta.

HM - Você pensou em ampliar essa possibilidade para outros autores?

Marcatti - Pensei. Quando eu tinha a máquina velhinha, lá pelos anos 1980, imprimir muita coisa para outros autores. Quando tive a oportunidade de comprar essa máquina nova, pensei justamente nisso. Para mim foi uma frustração, mas para os autores naquele momento era uma boa notícia. Minha máquina só consegui comprar porque hoje em dia é uma sucata, o formato dessa máquina não é produtivo. Hoje a indústria gráfica está tão modernizada, que qualquer orçamento que eu faça, sem lucro, sem imposto, sem as obrigações de uma empresa é mais caro que o de qualquer gráfica comercial. As gráficas que estão atendendo hoje ao autor independente têm preços muito mais em conta do que o meu e entregam em uma semana. Eu estou levando um mês para fazer um livro. Então, felizmente para os autores, eu não estou fazendo.

HM - O interessante é que, mesmo tendo a possibilidade de fazer mais barato fora, você optou por imprimir em casa. Isso demonstra afinidade com o processo.



Marcatti detém todo o processo de produção, da criação à impressão, da encadernação à venda. Fotos do autor

Marcatti - É uma delícia! Não vejo a hora de botar a mão na máquina. Esta semana eu estava imprimindo um livro novo, então parei para ir à feira. Não vejo a hora de chegar amanhã para sujar a mão de tinta de novo.

HM - Estava falando ontem, na mesa redonda do Ugra Fest Zine, que não me contentava em só imprimir meu trabalho; meu lance é editar, tenho prazer em pensar os livros, elaborar a diagramação, costurar, fazer todo o processo editorial. Isso é sensacional!

Marcatti - Uma vez uma pessoa me falou que o legal é saber que você põe a mão em todos os livros, não só desenhando, mas manuseando cada exemplar. Eu nunca tinha me dado conta que todos os meus livros que as pessoas compram passam pela minha mão - e no teu caso é a mesma coisa. Não é algo que você fez, editou, mandou o arquivo, recebeu os livros e nem folheia; a gente folheia todos, página por página. A gente tem contato com cada exemplar que está editando. Isso é do caralho! Então eu



Contato com o público no Ugra Zine Fest

fico com mais atenção, com mais carinho, por saber que estou pondo as mãos em todos os livros.

HM - A gente se conheceu no momento de efervescência dos fanzines. Como você vê a cena hoje?

Marcatti - De uma forma bastante exótica, acho muito legal e até emblemático. Os fanzines tiveram aquela explosão nos anos 80, foi do caralho! Quando apareceu a internet, os computadores, achou-se que essa era uma via muito mais acessível, começaram os blogs e a produção em papel desapareceu. E hoje é o contrário. Você está vendo como está explodindo o papel de novo, de uma forma muito melhor porque imprimir hoje é mais barato, se tem mais recursos. Minha leitura sobre isso é que o contato que as pessoas têm com o meio físico, para o leitor é diferente, ele sente um pedaço de quem fez, há um

sentimento de posse. Por isso o fanzine impresso voltou hoje. Eu poderia ter todo o meu trabalho online, mas aquilo não pertence a ninguém. Eu poderia ler teu trabalho inteiro online, mas não tem graça, eu quero ter aquele pedacinho na mão. Ter contato físico é o que está resgatando o fanzine de uma maneira brutal. E são belíssimos e diversos os trabalhos,



Durante o festival UZF, com Anita Costa Prado



Arte-final e esboço de HQ de Frauzio

ainda mais do que em nosso tempo, com melhor qualidade e conteúdo.

HM - Concordo que essa materialidade é extremamente sedutora e fascinante para a gente, mas talvez as próximas gerações se desprendam do papel, não? Há um pouco de saudosismo nessa recuperação da publicação independente?

Marcatti - Não, acho que não, porque a grande maioria que está fazendo é de uma faixa de idade que já nasceu com a informática. Então, saudosismo teríamos nós. O sistema offset que eu uso é inclusive perigoso, no sentido de que está em franco desuso. O offset hoje só vale em grandes

formatos, grandes tiragens. Eu estou mais arriscado a ser chamado de saudosista do que o povo do fanzine, porque o apego deles não é de lembrança de memória, é uma coisa que está vendo que o contato físico é melhor. Só lamento um pouco que nessa leva tem alguns que se chamam de fanzineiros fazendo umas coisas meio artísticas demais, que não tem conteúdo, é muito mais estético. Mas isso é fruto da grande quantidade de publicações.

HM - Pegando a deixa do conteúdo, você vê alguma coisa relevante no underground hoje ou isso foi um momento histórico.

Marcatti - Com relação aos quadrinhos, eu estava achando que “podreira” ninguém fazia mais e o humor tinha desaparecido. Eu tinha essa sensação, mas estava errado, porque estou vendo muita gente fazendo coisa na pegada do humor e da agressividade, aquela coisa anárquica. Aquela sensação de solidão não existe mais, foi um equívoco meu.

HM - Você vive de sua produção?

Marcatti - Tenho vivido. Coisa que não acontecia no passado. Antes, fazer quadrinhos era só paixão, tinha que arrumar o que fazer para ganhar dinheiro. Há pouco tempo eu diria que meu ganho estava empatando, a

grana de trabalhos externos, com os quadrinhos. Agora não, os quadrinhos estão na frente.

HM - Como se processa isso? Você tem algum esquema especial, seja pela internet, por contato direto com o público?

Marcatti - É desgastante porque é como rodar a bolsinha mesmo. Você tem que usar o tempo todo todos os canais que pode. Atualmente, é a tal da rede social que tem facilitado bastante a divulgação. Tem que ficar martelando, todo dia divulgar alguma coisa, uma foto do processo de criação, algo assim. Isso para empurrar dois caminhos: eu me divulgo nessas redes para minha loja virtual, que está indo muito bem; mas o grosso é por meio do contato direto, são as feiras, os eventos; mesmo as pessoas que não compram hoje, no próximo evento acabam comprando.

HM - Isso exige muita dedicação.

Marcatti - 13 a 14 horas por dia.

Henrique - Você tem contatos internacionais? Seu trabalho tem projeção no exterior?

Marcatti - Não.

Henrique - Isso é por opção?

Marcatti - Não. Por falta de. Existem muitas coisas que eu gostaria



HQ para a edição 4 da revista coletiva Ménage, editada por Marcatti

de fazer, mas o tempo é muito pouco para mim. Esse é o lado negativo da produção independente. Não tem só que sentar, escrever e desenhar, e no meu caso também imprimir e vender. Quem não imprime seu próprio trabalho, manda para a gráfica, é uma tarefa a menos que tem que fazer, porque tem que fazer todas as outras que também são desgastantes. Sobre contatos internacionais, eu tenho dificuldade com a língua também, não sei falar inglês, sou muito ruim em qualquer outra língua e acabo não me dedicando a promover meu trabalho no exterior. Talvez eu não veja prioridade nisso, não sei se é erro meu. Só quero produzir, ter o catálogo completo de tudo o que fiz. Mas é uma coisa a se pensar. Mariposa é um li-

vro que eu queria ter feito em inglês, tenho um projeto para fazê-lo em inglês para mandar pra fora.

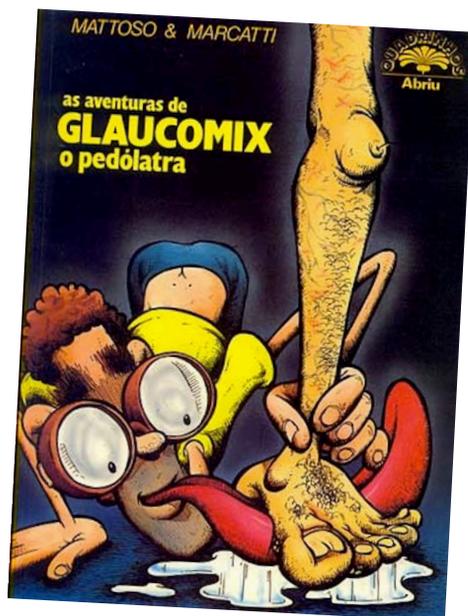
Henrique - Você acha que seria uma “heresia” ter um produtor que fizesse isso?

Marcatti - Não tenho opinião formada. Nunca me vi publicando fora do Brasil. O máximo que eu possa ter tido era um desejo.

Henrique - É um prazer estar novamente com você e ver que essa verve underground, militante, empreendedora em seu trabalho continua de pé, que mesmo tendo publicado em editoras comerciais, como a Escala, não arrefeceu esse ânimo, esse vigor de produção.

Marcatti - Das experiência que tive com as editoras - Escala, Conrad, Opera Graphica e Devir -, o que acho interessante é que em nenhuma delas eu tive qualquer tipo de interferência, qualquer tipo de relação que não fosse independente. Do ponto de vista da produção, eu produzi para essas editoras do mesmo modo que produzia para as minhas maquininhas, com a mesma lógica. Eu fui independente até quando não era independente, foi uma coisa que eu consegui preservar.

Henrique - Isso é extremamente importante. Uma última questão: como



Parceria com o poeta “marginal”  
Glauco Mattoso

foi a realização do álbum As aventuras de Glaucomix, o pedólatra, que você fez com Glauco Mattoso? Como foi fazer um trabalho em parceria, já que sua obra é muito personalizada?

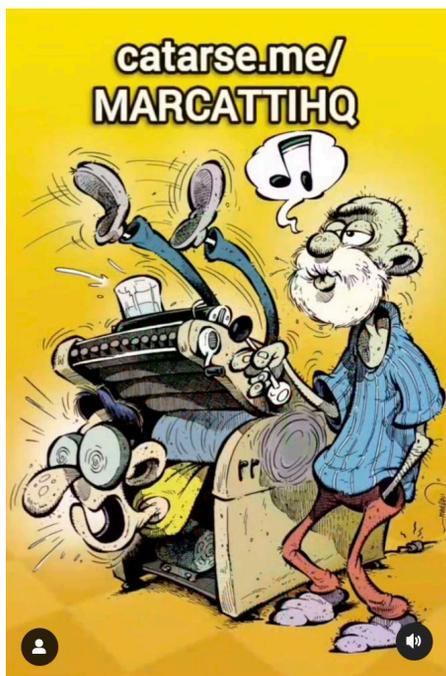
Marcatti - Parceria é uma coisa que quase nunca fiz em minha vida. Fiz com Glauco Mattoso, João Gordo e recentemente com meu filho, então são três parcerias ao longo de 37 anos (em 2014) e aquela justamente foi a primeira. Trabalhar com Glauco Mattoso foi uma coisa espetacular por causa de sua lucidez. Dá vontade de retomar sempre isso porque o cara é muito “fodido”. Foi um trabalho bem definido, o roteiro era dele, o desenho meu. Algumas interferências eu fiz do ponto de vista de linguagem, de con-

dução, de narrativa de quadrinhos, mas ele é um cara de quadrinhos, ele tem uma visão, uma leitura de quadrinhos muito rica, então o roteiro já vinha pronto. O que eu gosto muito daquela adaptação é que quem leu o livro que ele escreveu percebe que são obras muito diferentes. Então, se eu tivesse tido a ideia de fazer a adaptação, teria sido mais presa ao livro, o que não é o caso. Em Glaucomix, mal se sente a ligação com o livro original. Foi uma adaptação feita pelo próprio autor, com muita desenvoltura. E é

muito legal ler as duas obras e ver como o cara é capaz de se rever, de se reescrever, o quadrinho parece que é outra coisa.

Henrique - Eu li os dois livros. Ler o álbum de quadrinhos é outra leitura.

Marcatti - O que Glauco fez não foi a adaptação de um livro para quadrinhos, ele o transformou completamente e é maravilhoso justamente por causa disso. Você lê duas obras completamente diferentes falando do mesmo assunto.



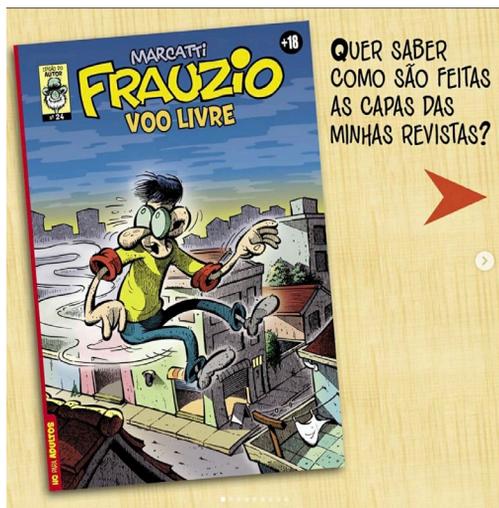
Acesse a obra de Marcatti por meio de  
<https://www.marcattihq.com.br>  
[https://www.instagram.com/marcatti\\_hq/](https://www.instagram.com/marcatti_hq/)



Série de pôsteres “Pequenos vícios”, Marcatti, 2015

# Preparação das capas: passo a passo

Marcatti



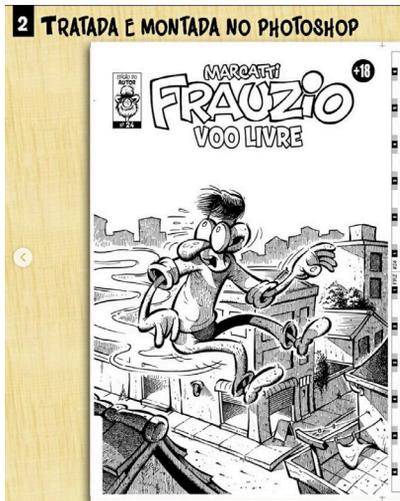
QUER SABER  
COMO SÃO FEITAS  
AS CAPAS DAS  
MINHAS REVISTAS?



Em torno  
de 130%  
maior que  
o tamanho  
final

1. Faço a arte a bico de pena e nanquim, mais ou menos 130% maior que o tamanho final impresso.

2. Digitalizo em 600 dpi, arquivo CMYK. Faço o tratamento da imagem para que os traços fiquem com 100% preto e monto títulos e marcas de impressão.



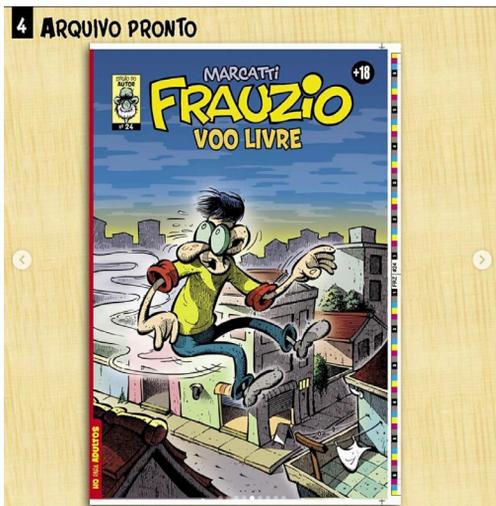
3. Em outra camada crio as cores tomando o cuidado de nunca utilizar nuances de preto na composição dos tons e jamais ultrapassar o total de 170% na soma das cores ciano, magenta e amarelo. Por exemplo: 90% de ciano + 10% de magenta + 70% de amarelo = verde escuro.

### 3 CORES FEITAS EM CAMADA SEPARADA DO PRETO



4. A camada do preto é multiplicada com a camada das cores e o arquivo final é em formato TIFF.

### 4 ARQUIVO PRONTO



5. Separo os canais de cor gerando quatro arquivos. Transformo cada um deles em Imagem bitmap reticulada com 120 lpi (linhas por polegada). Para cada cor, aplico uma inclinação diferente dos pontos da retícula. No ciano, a inclinação é de 75°.

### 5 SEPARAÇÃO DE CANAIS: CIANO



Inclinação da retícula: 75°

6. No arquivo do magenta, a inclinação é de 15°. Observe no destaque as combinações com a cor anterior.



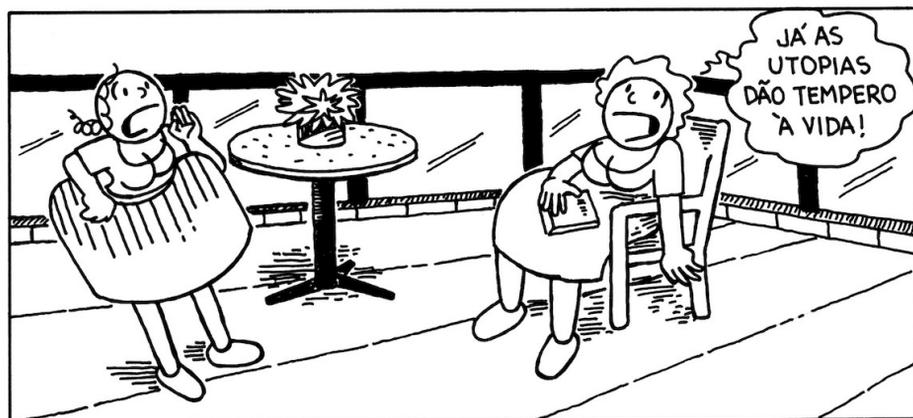
7. No amarelo, a inclinação é de 90°.

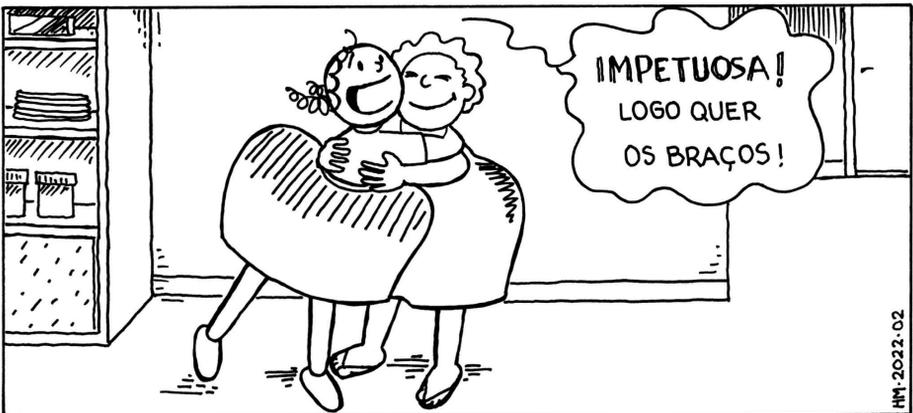


8. Como o preto não tem retículas, posso intensificá-lo na impressão sem comprometer a fidelidade das cores.



Uma última informação: mostrei aqui as imagens das cores na mesma ordem em que são impressas: ciano, magenta, amarelo e preto.





HM-2022-02





# Chamada Geral

## Marcatti e a “Lasca de Quirica”

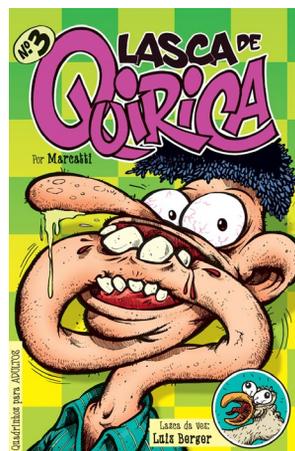
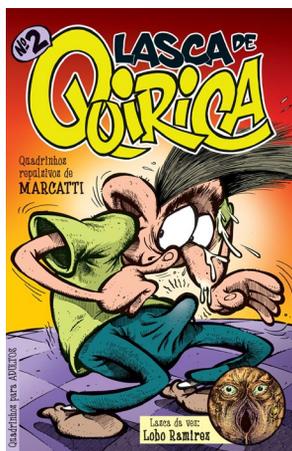
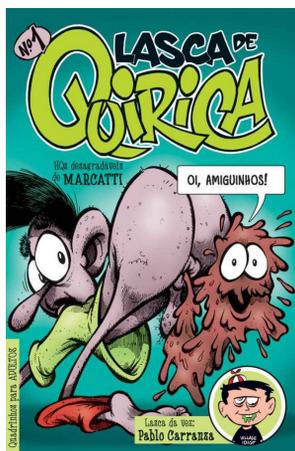
O mestre do Quadrinho e do underground nacional, Marcatti resolveu produzir uma revista periódica. Trata-se de “Lasca de Quirica” que vai sair de dois em dois meses. Depois de uma boa engenharia financeira, Marcatti lançou um novo conjunto de “HQs desagradáveis”!

O primeiro número de “Lasca de Quirica” tem cinco histórias curtas de Marcatti em seu estilo sarcástico e escrachado. Realmente não deixa pedra sobre pedra! Essa edição tem um convidado na seção ‘Lasca da Vez’: Pablo Carranza com as HQs ‘O Jovem Rivalino na Puberdade’ e ‘Playboy de Nazaré’.

A revista tem uma tiragem de mil exemplares e tem apoio de cinco patrocinadores. Uma nova aposta do grande autor que, para quem não sabe, imprime suas edições em uma máquina offset (Multilith 1250 fabricado em 1954) que mantém em casa.

Lasca de Quirica 01 - edição do autor, 15,5x23cm, p&b, 24 páginas, lombada canoa, tiragem de 1000 exemplares, papel offset, R\$ 11,90.

Worney Almeida de Souza. Republicado de QI 135. Brasópolis, MG: set/out. 2015, p. 26, seção “Mantendo contato”.





## Heróis do rock em fanzine

Uma das figuras histórica e das mais atuantes do fandom brasileiro é o incansável José Nogueira. Dono de uma incontável coleção de relíquias da cultura pop, Nogueira nos brinda com fanzines de vários gêneros, seja de arte postal, de grafites, de quinquilharias mil e, claro, de muito rock.

A série memorável a que tem se dedicado no momento - Rock Heroes Serie - vai fundo em sua paixão juvenil, quando em uma radiola Phillips descobria as revoluções musicais que surgiam no início da década de 1970. Seu quarto era o QG de uma turma jovem e deslumbrada com a sonoridade de Pink Floyd, Rolling Stones, Jimi Hendrix Bob Dylan, Alice Cooper, dentre tantas estrelas do rock que semeavam outras vibrações em sua mente juvenil.

Com linguagem coloquial e amigável, em cada título da série Nogueira conta como tomou contato com as músicas que embarbaram sua juventude, desde a primeira audição à per-

turbação que causava na vizinhança ao ouvir os LP em alto e bom som. Detalhes pessoais dessa geração são revelados, criando um cenário nostálgico e de muita empatia.

A inquietação de José Nogueira é notória. Quando todo mundo se dedicava aos fanzines impressos ele já expandia o campo para o vídeo casete, depois para o dvd. Já fez programas de rádio, fanzines em áudio, revelou as feições e os gostos de uma galera que agitava o meio das publicações independentes, mas que parecia anônima numa época em que toda a comunicação era feita por meio de cartas.

Roqueiro, feminista, revolucionário, Nogueira encarna em sua vida o espírito transgressor do fanzine, revelando-se em sua produção cultural que beira a militância por caminhos paralelos e divergentes do amorfo senso comum.

H. Magalhães, set. 2022

## Kika e a estrela encantada

Nesta história em quadrinhos, Klícia Campos e Beto Potyguara criaram um cordel para os surdos e os leitores ouvintes. Transmitindo para uma nova geração os prazeres de participar do gênero Cordel, a triste experiência comum de ser excluído das atividades da comunidade ouvinte e a felicidade que segue quando os ouvintes (com a ajuda dos animais mágicos e de uma estrela que caiu do céu) aprendem Libras e o Cordel passa a ser compartilhado com os surdos.

A narrativa se desenvolve sem palavras, lamentavelmente com a Kika sendo excluída, sorrindo quando os animais dançam na roda, dá palmas

ao passarinho que incentiva o cordelista a aprender Libras e celebra a alegria de compartilhar o Cordel com o povo surdo.

Rachel Sutton-Spence

### Kika e a estrela encantada

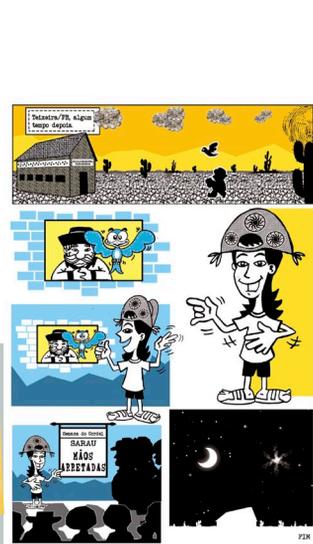
Autoria: Klícia de Araújo Campos, Danilo da Silva Knapik, Beto Potyguara

Organização: Kelly Priscilla Lóddo Cezar

Araraquara, SP: Letraria, 2022, 46p.

Edição digital

<https://www.lettraria.net/kika-e-a-estrela-encantada/>



## Imaginário! chega à 25a edição

Esta edição da Imaginário! abre com o artigo “Arte-ciência e o processo criativo do zine”, de Taisa Maria Laviani da Silva & Zandra Coelho de Miranda. O artigo é fruto da articulação teórico-prática proposta pela disciplina Seminário de Projeto: Metodologia da Pesquisa em Artes, que integra o Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, da Universidade Federal de São João del-Rei. Para as autoras, o fanzine como tema visa contribuir para a “compreensão das artes como conhecimento; ressaltar a importância da criatividade não somente em artes, como também em ciências; estabelecer possíveis paralelos entre a produção artística e a produção científica; bem como apontar o percurso da experimentação no processo criativo do zine”.

Na sequência, Daniel Baz dos Santos & Lucilene Canilha Ribeiro propõem uma interpretação da obra Isolamento, de Helô D’Angelo, a partir de reflexões de Mikhail Bakhtin a respeito do cronotopo, isto é, das relações entre tempo e espaço na forma como elas são assimiladas pelos sistemas artísticos. Para os autores, esse recorte possibilita demonstrar as



maneiras pelas quais a Helô D’Angelo transfigura espaço-temporalidades específicas do confinamento decorrido da pandemia de Covid-19 em mimese quadrinística.

Cássia Helen Dias Lima & Ivan Carlo Andrade de Oliveira em “O INFOTenimento no programa Rádio Pop: o radiojornalismo com seriedade e bom humor no Amapá” se apoiam em pesquisa bibliográfica e entrevistas com estudantes e profissionais que já passaram pelo referido programa para analisar em que suas

características como produto jornalístico diferem de outros programas radiofônicos do Amapá.

Marcelo Bolshaw Gomes apresenta em “História dos estudos narrativos: da análise estrutural à narrativa mediada” uma ampla revisão sobre as abordagens voltadas para o estudo das narrativas orais e escritas, observando como as narrativas audiovisuais assimilam suas antecessoras e apresentando algumas metodologias de análise capazes de entendê-las e explicá-las. Para esse feito, Bolshaw investigou os principais autores associados aos estudos narrativos, como Propp, Campbell, Lévi-Strauss, Greimas, Eco, Barthes, Riceur, John e Motta.

Leonardo Rodrigues dos Santos contribui com o ensaio “Por um protagonismo negro efetivo nos quadrinhos brasileiros: das páginas aos circuitos” em que analisa não só a pouca visibilidade dos personagens negros nas histórias em quadrinhos quanto

a ausência de autores negros em produções editoriais, eventos e prêmios da área. O autor reforça a necessidade de protagonismo de autores negros e o reconhecimento pelo mérito de suas obras, em todas as suas potências diversas e únicas.

A edição traz também a reflexão sobre o fazer artístico nas obras de Gazy Andraus e Wiverson Azarias. Gazy apresenta experimentos com a transcrição da HQ poética “Homo Sacer” para a projeção colorizada e em 3D, analisando sua prática criativa. Wiverson mostra as charges da série “Fantasmatrix”, alternando entre a “sátira política e trocadilhos infames”.

Boa leitura!

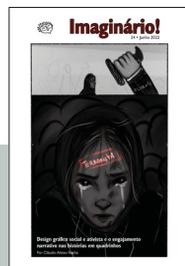
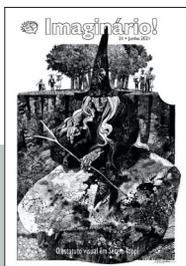
HM

## Imaginário!

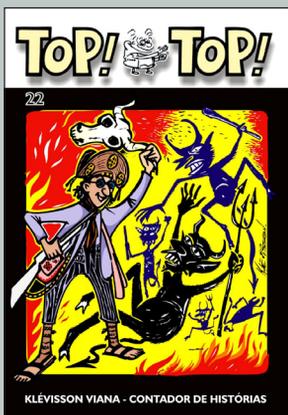
Parahyba: Marca de Fantasia, n. 25, dezembro 2022, 133p.

Edição digital

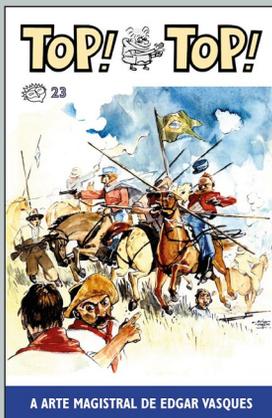
## Mais edições da Imaginário! pela Marca de Fantasia



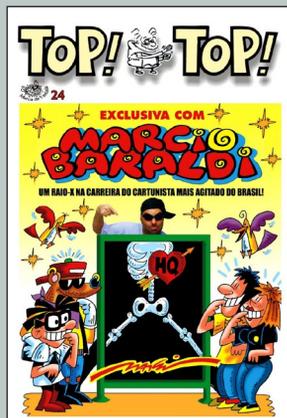
[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com)



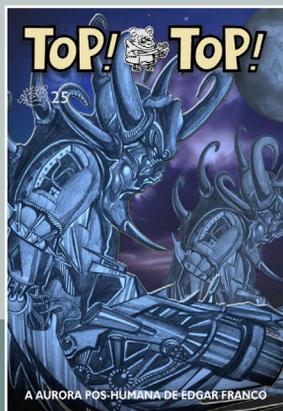
Top! Top! 22 - Klévisson Viana



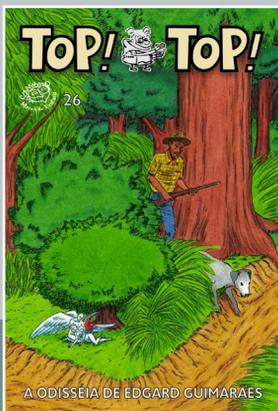
Top! Top! 23 - Edgar Vasques



Top! Top! 24 - Marcio Baraldi



Top! Top! 25 - Edgar Franco



Top! Top! 26 - Edgard Guimarães



Top! Top! 27 - Pestana